

MÓDULO 1 - TRANSCRIÇÃO DO DIÁLOGO

Olá pai!

Olá filhão!

Hoje vamos falar sobre um pouco a tua infância e como tu vês Portugal antes, quando eras mais novo, e hoje em dia, as mudanças que sentes que houve no nosso país.

Tu cresceste em Angola até aos 14 anos, até 1975, e gostava de começar por te perguntar que memórias é que tens de crescer em Angola? Como é que era o teu dia-a-dia, a escola, e depois como é que comparas isso com quando vieste para Portugal?

Bem, já foi há muito tempo, portanto a minha memória não é... Normalmente eu não guardo muito a memória, mas foi uma infância bastante saudável, feliz. Eu morava junto à praia, numa restinga, de um lado, 50 metros, era a baía, do outro era o mar. Tinha uns amigos, divertíamos-nos muito, passávamos muito tempo na praia.

A escola também era bastante... muita gente, muito divertida. Contrariamente ao que se pensa, se calhar, aqui, era muito multirracial, muito saudável, um ambiente muito aberto. Lembro-me de irmos, por exemplo — eu sou o último de seis irmãos e irmãs — às vezes irmos passear, os meus irmãos irem à caça, fazermos viagens pelo interior de Angola.

Vocês caçavam? Não sabia!

Eles caçavam, os mais velhos.

Porque tu tinhas tipo 10 anos, não é?

Sim, eu tinha... Bem, cheguei até aos 14. Portanto, isso foram memórias muito engraçadas. Foi uma infância bastante divertida, divertíamos-nos muito, jogávamos à bola, fazíamos brincadeiras, algumas travessuras assim mais ousadas. Lembro-me de fugir à polícia numa mini Honda também.

A sério?

Exatamente.

E vocês, se calhar, imagino que como em Angola fazia melhor tempo o ano todo do que aqui, não é?

Sim.

Mas também, acho que é uma diferença da tua geração, no geral, para a minha: vocês certamente passavam mais tempo na rua do que em casa.

Sim, sem dúvida nenhuma, nós passávamos...

Nos tempos analógicos, pré-internet, pré-televisão...

Nós basicamente... lá não havia televisão, em Angola. Portanto nós basicamente brincávamos na rua, com os amigos, andávamos muito de bicicleta, íamos à praia, andávamos, fazíamos muita coisa. Tudo na rua, andávamos na baía ou no mar alto com os... enfim, passávamos a vida no mar.

Exato.

Isso era de facto muito divertido. Passávamos a vida, sei lá, de chinelas e fato de banho. Claro que havia o tempo frio, não era assim? O tempo do cacimbo. Mas de uma forma geral.

O cacimbo é um nome que se dá em Angola ao tempo frio.

Sim. É um tempo frio e seco. As chuvas eram no tempo quente. Mais a sul, no Lobito, Benguela, e quanto mais para a sul se ia, mais frio fazia. Luanda era mais quente.

Ok. Depois, eu ia perguntar... Agora que descreveste um pouco, que nos pintaste esta imagem da tua infância em Angola, muito colorida, muito, eu imagino, tu falas e eu imagino bom tempo, imagino estar na rua, não sei quê... Como é que foi depois vir para Portugal, para Lisboa?

Para Portugal. Primeiro: viemos fugidos de uma guerra. Portanto, lembro-me que chegámos...

Fugidos da Guerra da Independência de Angola.

Da Guerra da Independência. Viemos num barco russo, num barco soviético, na altura. Chegámos algures perto de final de outubro, portanto estava frio.

De 75?

De 75, estava frio, as noites ficavam escuras. Um pormenor interessante em Angola é que o pôr-do-sol era sempre à mesma hora: seis e meia, seis horas. Lembro-me do barulho dos pássaros a essa altura, na altura do pôr-do-sol.

Quando aqui chegámos, o que é que eu notei? Era tudo muito mais escuro, as pessoas vestiam roupas mais escuras. Como estávamos a entrar no inverno, lembro-me desse impacto. E também depois na escola onde andei, no Liceu Dona Leonor. Embora, talvez não tenha sentido isso muito pessoalmente, eu também sou muito comunicador e tive excelentes amigos, ainda agora meus amigos.

Mas as pessoas eram genericamente mais fechadas do que eram em Angola. Um pouco como os ingleses vs os australianos, os americanos, um bocado mais fechados, as coisas mais escuras. E sobretudo as pessoas vestiam mais escuro, enquanto que em Angola se usava roupas coloridas.

Como eu agora. E tu também!

Exato, exatamente. Epá, mas era uma coisa marcante de facto, as pessoas andavam... epá, tudo taciturno, muito escuro, muito sombrio, mas esse era o panorama geral de Portugal nessa altura. Portugal era um país entristecido...

Nesse pós-25 de Abril.

Sim, no 25 de... No início dos anos 70, diria assim.

Nos anos 70.

Não tem a ver com ser... não queria posicionar isso no pós e antes 25 de Abril.

Sim, sim, sim.

Era, de facto, uma sociedade conservadora, escura, fechada.

Quando eu digo "pós", é basicamente...

Sim, sim, era a localizar.

Tinha vindo a ser conservador esse tempo todo, e acho que...

Ainda era marcante isso.

Sim, sim. Mesmo hoje em dia, Portugal, para ser um país mediterrânico, soalheiro, no contexto europeu....

Tem aqui um contexto muito atlântico.

É relativamente... como é que eu hei de dizer? É relativamente conservador, se compararmos com Espanha, por exemplo.

Mas, por falar nisso, eu também queria perguntar, porque foi um momento marcante, porque, claro, foi esse momento da história de Portugal que levou à guerra da independência de Angola, que levou a tu teres de mudar a tua vida, não é? Os teus pais terem de voltar para Portugal. Como é que tu viveste o 25 de Abril, que foi em 74, e esse ano que se seguiu até em 75 teres de vir para Portugal.

Portanto, o 25 de Abril dá-se em... dá-se em abril.

Exato.

Como é costume.

No dia 25.

Como é que costume. Mas em 74, e nós viemos no final de outubro, ou para aí a 10 de outubro de 75.

Portanto, foi um ano e meio.

Recordo-me que... Lembro-me de saber: "Ah, houve uma revolução em Portugal", quer dizer, foi uma coisa que não surgiu ali, não se viveu como aqui, uma revolução nas ruas, etc. Não. Ecos de qualquer coisa que tinha acontecido em Lisboa, em Portugal, etc.

Depois do 25 de Abril e depois de... digamos, dos movimentos de libertação terem — que eram três, o FNLA, a UNITA e a MPLA — terem tomado conta do poder, ocupado um vazio que se ia gerando pelo recuo do exército português, isso gerou um período de um ano e meio de, basicamente, guerra.

Em Angola?

Em Angola, e nas cidades. Particularmente nas cidades. Nós muitas vezes tivemos de fugir à guerra. Isto é, abrigar-nos, ou em casa, ou recuar, porque havia combates. Eu lembro-me de acordar uma vez a pensar que era uma trovoadas, eram morteiros de um lado para o outro, termos de fugir para, estar tudo preparado para fugir para os barcos que estavam na baía, os barcos... O porto do Lobito tinha muito movimento, muitos barcos mercantis, etc. Estávamos preparados.

Ou seja, preparado para a qualquer momento ter que abandonar tudo.

Sair, fugir. Como muitos fugiram. Nós recebemos muitos familiares lá que foram parar ao Lobito porque vinham fugidos. Vieram para a nossa casa, vinham fugidos de outras partes que tinham sido destruídas, portanto morreram algumas pessoas.

E essa é... mas vivia-se também, continuava-se a ir à praia, a ir à escola, etc., mas já havia barreiras militares de 200 em 200 metros, ora do FNLA, ora do MPLA, ora da UNITA, vivia-se o ambiente como os dos filmes.

Que eram os movimentos de independência de Angola, as várias...

Fações que lutavam entre si e, portanto, um indivíduo tinha de ter cuidado e havia, às vezes, muita denúncia, muitas pessoas que diziam mal de... "fulano tal é contra o MPLA, é contra a UNITA", que é para... Gerou-se ali um bocado de mau ambiente.

É um bocado daquele clima que existia em Portugal antes do 25 de Abril, de denunciar.

Sim, mas não tem comparação. Ali não tem comparação porque... Aqui havia denúncia, a pessoa ia presa, era...

Ali era mais...

Não, ali as pessoas que estavam com as armas na mão podiam matar-te.

Ok

E morreram muitas pessoas. Portanto, isso foi a independência, nós saímos, fugimos. Os meus pais tinham ido para Angola, os teus avós. O meu pai com 16 anos e a minha mãe depois de tirar o curso de farmácia com, não sei, 20 e tal ou 30. Deixaram tudo lá, não é?

Tudo o que construíram.

Tudo o que construíram. Não puderam trazer nada, tal como a maioria dos portugueses e portuguesas. Ou seja, nós éramos todos portugueses, quer fôssemos portugueses... no caso deles, eram nascidos em Portugal, quer pessoas que...

Nasceram em Angola.

Muitas vezes, numa terceira e quarta geração, e fossem brancos, pretos, mulatos, o que fosse, sem qualquer conotação racial. Portanto, fugiram de uma guerra e perderam tudo o que tinham, como agora em muitos conflitos existe.

Nós viemos, portanto, em outubro, nesse cenário de fuga, em que as coisas que se pôde trazer, algumas roupas, algumas mobílias, etc., foram parar todas ao porto de Lisboa, em caixotes a perder de vista, em barcos. Houve gente que nem isso trouxe, foi de avião. Mas enfim, isso foi o movimento, foi a libertação em Angola.

Em Portugal, houve o 25 de Abril, iniciou-se um percurso de liberdade, no nosso caso ficou... Eu às vezes até tenho uma certa dificuldade em falar nisto.

Não, não te preocupes. Porque foi um período marcado pela morte do meu irmão que estava na altura no governo do MPLA e houve uma espécie de golpe de Estado orquestrado e ele foi assassinado. Ele e uma série de... o nome dele era Rui Coelho.

Foi ele e foi uma série de jovens assassinados e desapareceram. Na realidade não se sabe o que lhe aconteceu. Sabe-se que foi torturado, provavelmente fuzilado, isto em 77, dois anos depois da independência. Mas enfim, não era para transformar isto numa história trágica.

Não, não, não te preocupes.

Mas isto é, de facto, uma memória. Falaste das memórias. É que esse período está marcado pela tragédia, não é? Em várias dimensões.

Dos teus 15, 14 aos teus 16 anos.

Sim, exatamente, 14 aos 16, 17, porque depois nunca soubemos notícias, etc. Isso marcou a família, marcou muitas famílias, marcou uma geração, enfim.

Falando de coisas mais alegres.

Sim, sim, sim.

Como é que sentes que mudou Portugal?

Já agora, eu sou alegre.

Sim, sim. Não, e és. Como é que sentes que mudou Portugal desde que vieste para cá? Ou desde esses primeiros anos em que estiveste cá e sentiste que Portugal era... as pessoas vestiam-se de escuro, e não sei quê...

Era muito fechado, Portugal era fechado. Mas eu diria...

E mesmo a nível tecnológico, mesmo a nível da forma de ser das pessoas, dos direitos das pessoas, de como as pessoas vivem o dia a dia...

Os direitos, só para fazermos aqui este ponto, estamos a gravar no dia?

Dia de eleições para a presidência da República.

Coisa que não havia na altura, antes do 25 de Abril. Não havia eleições, não havia voto, havia privação de liberdade, era uma ditadura para todos os efeitos. Quem quisesse falar contra o regime era pura e simplesmente preso, era torturado pela polícia política, portanto... Eu sou absolutamente e frontalmente contra tudo o que são ditaduras e esse tipo de repressões.

Agora, o que se passou em Portugal, eu diria que o Portugal de hoje, digamos, é diametralmente oposto ao Portugal da altura, porque nós vivemos... mas essa revolução é uma revolução que perpassa, quer dizer, que varre toda a Europa e todo o mundo: não se consegue comparar o tipo de modelos de comunicação que existiam na altura, onde era o rádio. Portugal até estava atrasado, porque havia poucos canais de televisão, quatro canais de televisão. Ou melhor, dois canais de televisão na altura, a preto e branco.

Dois, porque eu sei que o terceiro e o quarto só apareceram nos anos 90.

Sim, portanto, nós também estávamos, Portugal estava particularmente atrasado. Portugal era um país, basicamente, atrasado na Europa, há que convir. Portugal ficou... foi-se deixando atrasar na Europa muito pelas políticas fechadas, isolacionistas do Salazar e depois do Caetano e essas coisas. Portanto, nós éramos um país atrasado e hoje somos um país bastante inserido na Europa, somos um país aberto, visitado por milhões de turistas.

Eu até diria: eu tenho viajado muito nos últimos anos e surpreende-me porque nós em Portugal ainda temos essa ideia de que somos relativamente atrasados na Europa e... ok, no contexto da Europa Ocidental, a nível de economia, estamos um pouco mais atrás.

Mas em muitas coisas, eu lembro-me de... em Itália, eu uma vez estava no metro em Roma – uma vez, já nesta década, já depois de 2020 – no metro em Roma, para comprar o passe de metro, o bilhete de metro, e não tinha moedas e não havia forma de comprar com cartão. Muitas coisas assim, que em Portugal somos até dos países mais desenvolvidos

nesse sentido. Os pagamentos... aquela questão da Via Verde, que é: os carros passam e têm um sensorzinho para pagar portagens sem nos parar.

A Via Verde é uma inovação portuguesa, não sei se sabes.

O multibanco, o sistema multibanco também, o nosso também foi dos primeiros.

Uma série de faculdades que outros ainda não têm. Faculdades, facilidades.

Exatamente.

Pagares impostos, mas é mais...

Pagar tudo online, no multibanco, nas caixas de coiso...

Comunicar. Podes enviar uma mensagem para poderes levantar dinheiro numa caixa no Porto.

Isso é tudo coisas que agora estão a começar a aparecer noutros países, e que bancos online...

Só para teres uma ideia, nós em Portugal...

Mas nós temos isso há 20 anos.

Sim, a questão das transferências bancárias. Não passa pela cabeça de ninguém em Portugal pagar os salários sem ser por transferência bancária. E eu lembro-me que em 2014 eu estava na Navigator e constituímos uma sociedade na Carolina do Sul e os funcionários queriam ser pagos e a forma de pagamento era por cheque.

E uma pessoa pensa que os Estados Unidos estão muito mais avançados do que nós, não é?

Cheque semanal, ao fim da semana um cheque.

Isso é engraçado, eu tenho um amigo...

Essa do cheque já não... eu nunca tinha ouvido falar. Há mais de 15 anos que não se falava nisso.

É, Portugal, em certos sentidos, tem esses...

Ainda há cheques, agora... ainda há cheques, mas pagamentos contra...

Eu tenho 32 anos atualmente, nasci nos anos 90. Toda a minha vida ouvi falar em cheques, acho que nunca vi um cheque ser passado. Não, por exemplo, o Santos contou-me, um amigo meu que viveu nos Estados Unidos — e que é o diálogo do Módulo 2 — ele contou-me que nos Estados Unidos muitas — acho que é o pagamento de impostos e não sei quê — muitas coisas, tens que enviar por fax os documentos.

Fax?

Ou seja, tens que imprimir... em vez de enviar um e-mail, imprimes o documento, envias por fax, em vez de enviar digitalmente.

Pois, é incrível, de facto.

E, no entanto... Ou seja, é um país que, lá está, que nós consideramos – e que em muitos aspetos é – mais evoluído.

É o país mais evoluído tecnologicamente do mundo.

Mas isso mostra como... é isso, às vezes temos... e se calhar quem vem para Portugal tem essa noção de, sei lá, é muito... tu vês as fotografias do Porto, de Lisboa, do centro histórico, aquelas casinhas antigas, as velhinhas... muito aldeia. Mas depois, noutros sentidos – e Portugal tem esse lado (de aldeia) – mas depois noutros sentidos, existe aqui algum desenvolvimento dos últimos anos, não é?

Sim, lembrei-me agora...

Desde os anos 90, para aí.

Lembrei-me agora, não sei se estou a falar rápido demais. Estava-te a ouvir falar.

Ah, não te preocupes, isto é nível B2.

Não, eu acho que Portugal... O que é que acontece? Portugal, efetivamente... o Portugal de agora não tem nada a ver com o Portugal nos anos que se seguiram ao 25 de Abril. E, de facto, a grande mudança que ocorreu em Portugal foi quando nós integrámos a União Europeia. E, portanto, essa integração na União Europeia começou-nos a aproximar e obrigou-nos a um alinhamento mais com a Europa, olharmos mais para a Europa em vez de deixarmo-nos olhar apenas... não olhando só para nós.

E depois também, quando Portugal, mais ultimamente... Portanto do ponto de vista tecnológico e do ponto de vista da riqueza e, sobretudo, da educação das pessoas, da aposta nas línguas, os portugueses gostam de uma forma geral de falar idiomas.

Sim, sim.

Portanto, tudo isso. Ultimamente, também, as tecnologias, a evolução e agora cada vez mais a abertura ao mundo decorrente do facto de Portugal ter ficado, durante alguns anos, sobretudo nos anos mais recentes, ter sido considerado um destino muito interessante do ponto de vista de férias.

Lá está, era um país pouco conhecido e é um país em que tu tens autenticidade e tradições autênticas e comida com sabor, comida quase como se faz nas casas, mas ao mesmo tempo tens restaurantes gourmet, duas estrelas Michelin pelo menos, tecnologia,

tens tudo isto que acabámos de falar, tens uma certa vontade de exposição ao mundo, portanto tens um bocadinho as duas coisas. Tens registos históricos muito giros.

Mas a autenticidade, por exemplo, estou-me a lembrar agora: Nós estamos perto do Carnaval e há aqueles...

Os Caretos de Podence.

Os Caretos de Podence, que é um registo milenar histórico e que se mantém, que os portugueses querem manter.

Então, para concluir, uma última pergunta. Como é que achas que os estrangeiros veem hoje Portugal? Sendo tu uma pessoa que trabalhou e trabalha ainda em multinacionais, conheces muitas pessoas de outros países, viajas muito também.

Sim, trabalhei com equipas com 14 nacionalidades e... europeias sobretudo, mas também dos Estados Unidos, e agora interajo muito com pessoas da China, com pessoas da Europa, italianos, franceses, enfim.

Eu acho que, de uma forma geral, as pessoas conhecem Portugal, acham que nós somos simpáticos. Somos pessoas hospitaleiras, mas genuinamente boas para os... para os... para os... para aqueles que nos visitam e que interagem connosco. Somos pessoas agradáveis e fáceis de contacto. Que temos uma gastronomia que é normalmente muito elogiada, comida boa, digamos assim, que temos um país surpreendentemente bonito e agradável e as pessoas da rua estão disponíveis para te ajudar.

Portanto, acho que isso é o panorama geral. Ficam talvez surpreendidas por certos desenvolvimentos tecnológicos, certos avanços, certas competências que nós temos. Também se calhar menos surpreendidos pelo – as empresas que querem cá instalar-se – pela burocracia e pela lentidão de processos, pelos licenciamentos. É uma tristeza nós não melhorarmos nisso. Portanto, positivas pelos... positivos...

No geral, Portugal é uma surpresa agradável.

Agradável. Positivas nos aspectos emocionais e nos aspectos do contacto. A burocracia e a lentidão, acho que, da justiça, etc., pesa negativamente. Acho que isso é... ficam também surpreendidos pela nossa facilidade em dominar normalmente várias línguas.

Ou pelo menos...

Ou pelo menos ter essa abertura.

Sim. Diria que muitos portugueses falam... todos os portugueses falam português, compreendem espanhol. Alguns falam inglês. Alguns falam francês. Isso não é assim tão frequente na Europa. E estão disponíveis para tentar falar nas outras línguas.

Eu acho que é isso também.

Diria que esse é... depois é as belezas naturais do país. Se vêm no verão, ficam apaixonados pela praia... Ou não só. É um certo... uma certa... uma certa alegria de viver, uma certa paz que se vive no país.

Outro aspeto muito importante, muito determinante até, é a segurança. Poderes andar na rua a qualquer hora, não estares preocupado se te assaltam, se há... e isso não se pode perder, Portugal não pode perder isso, é uma característica impressionantemente boa, muito valorizada e, portanto, tem de se ter aí muita precaução.

Olha...

Não sei se...

Acho que sim, acho que foi bom.

Falámos muito.

Falámos muito, falámos muito. Muito obrigado, pai.

De nada! Ora essa, filho.

Espero que tenhas gostado de participar neste vídeo, neste curso.

Foi um prazer, não olhei muito para a câmara, acaso devia ter olhado, se calhar.

Estamos aqui a conversar, não há problema.

Foi um prazer, e é um prazer estar com os teus... com a tua audiência, com os teus alunos.

Obrigado.

E parabéns pelo teu programa.

Obrigado.